

# JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO

Wemerson Felipe GOMES<sup>97</sup>

Tamires CELI<sup>98</sup>

**RESUMO:** Júlia Lopes de Almeida é dessas personagens cuja sombra, outrora onipresente, foi se esmaecendo com o passar dos anos. De escritora conhecida e respeitada em seu tempo, Júlia viveu por muitos anos nas notas de rodapé dos manuais de literatura. No entanto, tem-se hoje um esforço em reexaminar o cânone literário brasileiro em busca de autores injustiçados, cuja atualidade bate em nossas portas. É nesse sentido, portanto, que nos propomos a refletir sobre as dinâmicas entre lembrança e esquecimento a partir da obra da autora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Júlia Lopes; Memória; Feminismos; Literatura.

## 1. Introdução

Júlia Lopes de Almeida é dessas personagens cuja sombra, outrora onipresente, foi se esmaecendo com o passar dos anos. Segundo Lúcia Miguel Pereira (1998), em crítica publicada na década de 50, Júlia era a “maior figura feminina entre as mulheres escritoras na sua época”. Para Peggy Sharpe, em passagem citada por Zahidé Muzart no livro *Escritoras brasileiras do século XIX* (1999), a autora de *A família Medeiros* (1919) era a “primeira-dama” da literatura brasileira da *belle-époque*. Críticos e resenhistas eminentes como Nestor Vitor e José Veríssimo também teceram comentários positivos, reconhecendo a importância da obra almeidiana no cenário nacional; tendo este último, inclusive, dito que “depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluísio Azevedo, o romance no Brasil conta(va) apenas (com) dois autores de obra considerável e de nomeada nacional – D. Júlia

---

<sup>97</sup> Graduando em História no Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH, Departamento de História, Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil.

<sup>98</sup> Graduanda em História no Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH, Departamento de História, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Brasil Republicano I, ministrada pelo Prof. Dr. Raul Lanari, a quem agradecemos. Agradecemos ainda ao parecerista anônimo pelas críticas pertinentes e pelas generosas sugestões.

Lopes de Almeida e o Dr. Coelho Neto”, acrescentando em seguida que “sem desconhecer o grande engenho literário do Sr. Coelho Neto, eu (Veríssimo), como romancista, lhe prefiro de muito D. Júlia Lopes”. (VERÍSSIMO apud MUZART, 2014)

No conjunto da obra, encontramos dez romances – como *A intrusa* (1908), *A Viúva Simões* (1897) e *Pássaro Tonto* (1934) –, três coletâneas de narrativas curtas – como *A árvore* (1916) –, três compilações de crônicas – *Livro da Noiva* (1896), o *Livro das donas e donzelas* (1906) e *Eles e Elas* (1910) –, quatro peças de teatro – como *A herança* (1909) e *Teatro* (1907) – três peças: *Quem não perdoa*, *Doidos de amor* e *Nos jardins de Saul* –, três seleções de contos infantis – como *Contos infantis* (1886) e *Traços e Iluminuras* (1887) – e seis livros diversos (ensaios, conferências etc.) (RUFFATO, 2017; SILVA, 2014). Ou seja, uma obra realmente considerável, que, sem dúvida alguma, traduz de forma notável uma vida dedicada à literatura e ao mundo das letras.

Júlia era abolicionista, republicana, feminista e, por que não o dizer, oriunda de uma família burguesa e aristocrática. No entanto, num ambiente “festivo e diletante”, marcado pela aura de otimismo da *Belle Époque*, em que “o escritor funciona(va) [...] como um jogral da sociedade, destacando-se pelo pitoresco e, por vezes, pelo anedótico” (MOREIRA, 2004); e a literatura, sobretudo em escritores como Mário de Alencar, Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto, se caracterizava apenas por apresentar o “sorriso da sociedade” – como aponta, com algum exagero, Afrânio Peixoto –, Júlia Lopes de Almeida se destacou por produzir uma literatura crítica, de denúncia e resistência.

Nesse sentido, “apesar de sua maneira de ver a vida de casada e seu senso de moral burguesa” (MUZART, 2014), D. Júlia (como era chamada pelos amigos) não deixou de usar competentemente sua literatura, em especial sua coluna *Dois dedos de Prosa*, no jornal *O País*, para tecer críticas ácidas à sociedade de seu tempo e ao papel da mulher no Brasil do início do século XX. Um exemplo significativo é a crônica *Ah! Os senhores feministas*, publicada originalmente n’*O País* e reunida em coletânea no livro *Eles & Elas* (1910). Nessa crônica, através do uso de jogos semânticos, fica problematizado o machismo e a

hipocrisia presentes no cotidiano das mulheres brasileiras. Segue um trecho:

Compreendo perfeitamente a ausência da minha mulher, quando quem está fora de casa sou eu; mas vejo muito bem agora que não a suporto, quando quem está fora de casa é ela! O fato em si parecerá o mesmo; todavia, que diferença, Deus do céu! Supus que fosse mera fórmula literária o dizerem por aí que a mulher é a verdadeira alma do lar; entretanto, a observação é exata...

Por mais que eu disfarce, sinto uma decepção tão desgostante, não encontrando a minha, como a que pode sentir um velho metódico, muito comodista, de doloridos pés calejados, não encontrando o familiar e suavizador par de chinelos aos pés da cama, no momento em que os reclama com maior ansiedade... Para a mulher, o marido talvez seja alguma coisa mais complexa; para o marido, porém, a mulher é sobretudo um hábito... Cá por mim não posso viver sem a minha, nem quando penso nas outras (ALMEIDA, 1910).

Além disso, ela também criticou veementemente movimentos com os “Bota Abaixo” (a destruição do Morro de Santo Antônio, por exemplo) e os interesses estrangeiros implicados nas reformas Pereira Passos – sem, no entanto, deixar de cobrar, também, medidas que tornassem esses ambientes mais confortáveis e higiênicos para os moradores locais.

Em relação ao Morro de Santo Antônio, segue um trecho da crônica “Crime premeditado”, publicada n’*O País*:

Quem me ajudará a defender este formoso morro de Santo Antônio da ameaça de morte com que o afligem agora? Será possível que toda a gente desta cidade maravilhosa seja indiferente à beleza e ao futuro deste sítio de tão pitoresca topografia, a ponto de consentir, sem reflexão nem tino, no seu arrasamento?! [...] o arrasamento do morro de Santo Antônio poderá favorecer melhormente interesses práticos e pessoais, traduzidos em lucro monetário ao sindicato estrangeiro que o premedita; mas esse mesmo sindicato não poderá nunca apresentar argumentos sérios e convincentes de que tal obra seja benéfica e necessária à cidade. Ao contrário. O morro de Santo Antônio já não sei quantas vezes tenho dito neste mesmo lugar, é, pela sua própria topografia, um dos sítios mais lindos e mais aproveitáveis do Rio de Janeiro (ALMEIDA apud MOREIRA, 2009).

De todo modo, sua postura no cenário público do Rio de Janeiro – embora um tanto conivente com os ideais positivistas do período e sustentado por um discurso, no mínimo, “frugal” – sempre foi marcada por uma tomada de posição importante, reagindo fortemente a favor do trabalho (valorização do operariado e do trabalho no campo), da educação (Júlia produziu livros didáticos de circulação nacional), do meio ambiente e, como dito, denunciando “a condição feminina na sociedade carioca e burguesa do início do século XX” (MOREIRA, 2004).

De escritora conhecida e respeitada em seu tempo, Júlia viveu durante muitos anos nas notas de rodapé dos manuais de literatura. No entanto, tem-se hoje um esforço por parte de alguns (nós, entre eles) de reexaminar o cânone literário brasileiro em busca de autores injustiçados, cuja atualidade bate, insistentemente, em nossas portas.

Recentemente (2017), por exemplo, a Academia Brasileira de Letras (ABL) inaugurou o ciclo de conferências “Cadeira 41”, coordenado pela acadêmica Ana Maria Machado, justamente com esse objetivo. Esse ciclo revisitou autores que, embora merecessem, não lograram (por vários motivos, nem todos literários) entrar na ABL, como Clarice Lispector (O legado de Clarice Lispector, por Nádia Battella Gotlib) e Lima Barreiro (Lima Barreto em revista, por Felipe Botelho Corrêa); e outros, como Júlia Lopes de Almeida e Lúcio Cardoso (É quase tudo ficção: Lúcio Cardoso e o crime do dia, por Valéria Lamago) que, mesmo com méritos literários, raramente são lembrados pelo grande público.

Na palestra de abertura do ciclo, realizada pelo escritor Luiz Ruffato e intitulada “Todos contra Júlia!”, o palestrante discorreu sobre a importância de Júlia no cenário literário carioca e nacional e o conseqüente processo de esquecimento de sua obra. Segundo Ruffato, embora a autora conste, brevemente, em livros e ensaios relevantes – como a *História da inteligência brasileira* (1976), de Wilson Martins, e na *História da Literatura Brasileira Prosa de Ficção de 1870 a 1920* (1950), de Lúcia Miguel Pereira –, ela não aparece, por exemplo, na interessante *História concisa da literatura brasileira* (1970), de Alfredo Bosi, e no *A Literatura no Brasil* (1986), de Afrânio Coutinho e Eduardo de Faria

Coutinho, dentre muitas outras obras que versam sobre a história da literatura brasileira.

Ainda segundo Ruffato, o ostracismo almeidiano se deu, sobretudo, por dois motivos. Em primeiro lugar estaria “A Semana de Arte Moderna de 1922” e os modernistas. De modo geral, segundo o autor de *Eles eram muitos cavalos* (2001), os modernistas tenderam a considerar que a Literatura Brasileira tivera seu início em 1922. A maioria dos literatos imediatamente anteriores foram, nesse sentido, sistematicamente desqualificados ou ignorados.

Interessante notar ainda que essa tendência a datar a literatura brasileira no início do século XX, de certa forma, permanece ainda hoje. Em 2004, por exemplo, o professor e ensaísta Ivan Teixeira, em palestra sobre o Romantismo em São Paulo, fez uma provocação importante. Segundo ele, escritores e críticos literários haviam escolhido em uma enquete sobre o “melhor poema brasileiro”, realizado pela Folha de São Paulo, o belíssimo poema “A máquina do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade. No entanto, continua Teixeira, não é possível entender esse poema sem o “Monólogo de uma Sombra”, de Augusto dos Anjos, poeta oitocentista brasileiro. Dessa forma, poetas e poemas belíssimos como *Os timbiras*, de Gonçalves Dias, ou *Navio negreiro*, de Castro Alves, ou, ainda, os poemas do *Lira dos Vinte Anos*, de Álvares de Azevedo, ou seja, poemas que compõem um outro repertório literário (Romântico, nesse caso, mas não só), ficam esquecidos ou menosprezados.

Por outro lado, segundo a professora Anna Faedrich, em entrevista concedida ao jornalista Leonardo Cazes, do jornal *O Globo*, o cânone do Romantismo brasileiro conta, em sua maioria, sobretudo com autores homens. Ao comentar a obra de escritoras como Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e Narcisa Amália, Anna complementa dizendo que

Os professores não sabem da existência dessas escritoras. Mesmo na universidade, reproduz-se o cânone do Romantismo, onde se acredita que as mulheres não eram educadas, eram todas analfabetas. Mas a culpa não é do professor. Um grande passo é reescrever essa história da literatura e inserir essas autoras em diálogo com

outros escritores. Essas mulheres escreviam, publicavam, faziam conferências e dialogavam com os homens, e mesmo assim não temos notícias delas. Toda história da literatura é escrita a partir da anterior, reproduzindo um discurso excludente. (CAZES, 2017)

Outro que também sofreu por seu distanciamento dos autores (e não da estética) modernista foi Lima Barreto. Depois de criticar a revista modernista Klaxon, enviada a ele por Sérgio Buarque de Holanda, Barreto, a despeito das proximidades estéticas com o movimento liderado pelos paulistas, ficou muito tempo esquecido ou categorizado como “pré-moderno”. Só a partir da década de 1950, sobretudo graças à atuação de Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto voltou, com alguma força, a cena literária brasileira.

Para Muzart (2014), o gradual processo de esquecimento da obra de Júlia Lopes, já na década inicial do modernismo e nas décadas seguintes, não deixa de ser, num certo sentido, também estranho, “dado que a literatura dessa época não apresenta traços tão diferenciados do estilo e da temática da autora”.

Nesse sentido, ler esses autores através de projeções interessadas e/ou envolvidas em questões que não necessariamente a obra literária, serve muito pouco, hoje, a todos nós. É preciso, então, de fato ler esses autores a luz de seu tempo, reconhecendo neles seus méritos e deméritos, suas qualidades e defeitos, ou seja, de modo geral, apreciá-los a partir do que eles nos dizem, e não através do que nos dizem os outros deles. Dessa forma, uma crítica que se volte para o texto, em articulação dinâmica com o contexto, é essencial em um momento em que as interpretações parecem assumir o lugar de protagonismo, que deveria ser sempre da obra.

No caso de Júlia Lopes de Almeida, duas pesquisadoras têm se destacado nos últimos anos no sentido de trazer de volta para a cena literária a obra almeidiana: são elas as professoras Zahidé Lupinacci Muzart e Nadilza M. de B. Moreira. Hoje, felizmente, cada vez mais pesquisadores e pesquisadoras têm se interessado em estudos críticos e em edições das obras de Júlia Lopes. Dada a dificuldade de se encontrar os romances de Júlia à venda nas livrarias, nos parece vital esse trabalho de reedições das obras da autora e o aprofundamento

de análises críticas, como as de Jussara Parada Amed (2010), Karen Fernanda Mourão Batista (2012) e Marcelo Medeiros da Silva (2011).

## 2. As vozes de Júlia Lopes de Almeida

Júlia Lopes de Almeida nasceu no dia 24 de setembro de 1862, no Rio de Janeiro. De ascendência portuguesa, vinha de uma família aristocrática, bem estruturada e teve uma infância, adolescência e começo da vida adulta com uma educação que não era padrão para moças de sua idade. Sempre foi incentivada pelos seus pais a ler e escrever, apesar de que seu gosto não era bem visto socialmente, já que predominava na sociedade a valorização da mulher “bela, recatada e do lar”.

Em entrevista concedida ao jornalista João do Rio e depois publicada n’*O momento Literário* (1908), Júlia conta um pouco sobre o papel do pai no seu ingresso no mundo das letras. Após ter um poema furtado pela irmã e entregue ao pai, ela comenta:

Meu pai, muito sério, descansou o Jornal. Ah! Deus do céu, que emoção a minha! Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias, e ao mesmo tempo um vago desejo que o pai sorrisse e achasse bom. Ele, entretanto, severamente lia. Na sua face calma não havia traço de cólera ou de aprovação. Leu, tornou a ler.

A folha branca crescia nas suas mãos, tomava proporções gigantescas, as proporções de um grande muro onde na minha vida acabara a alegria... Então, que achas? O pai entregou os versos, pegou de novo o Jornal, sem uma palavra, e a casa voltou à quietude normal. Fiquei esmagada. Que fazer para apagar aquele grande crime? No dia seguinte fomos ver a Gemma Cuniberti, lembra-se? Uma criança genial. Quando saímos do espetáculo, meu pai deu-me o seu braço. – Que achas da Gemma? – Um grande talento. – Imagina! O Castro pediu-me um artigo a respeito. Ando tão ocupado agora! Mas o homem insistiu, filha, insistiu tanto que não houve remédio. Disse-lhe: não faço eu, mas faz a Júlia...

Minha Nossa Senhora! Pus-me a tremer, a tremer muito. O pai, esse, estava impassível como se estivesse a dizer coisas naturais:

– Estamos combinados, pois não? O prometido é devido. Fazes amanhã o artigo (RIO, 1908).

O tal artigo, no final das contas, não passou mesmo de uma estratégia de seu pai para incentivá-la a escrever – atividade que nunca mais deixou de exercitar. Em Campinas, para onde se mudou ainda criança, Júlia tem suas primeiras crônicas publicadas em um jornal da cidade. Em 1886, Júlia e sua família vão para Portugal e lá acontece sua estreia com o lançamento do livro de contos *Traços e luminárias* (1888). Esse livro foi, de certa forma, um investimento pessoal em sua carreira.

Júlia se casa em 1888 com o poeta português Filinto de Almeida e, em seguida, retorna ao Brasil. Entre dezembro de 1888 e janeiro de 1889 começa a circular os folhetins do primeiro romance escrito por Júlia, intitulado *Memórias de Marta*, no jornal *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro.

Júlia Lopes foi uma entre os vários intelectuais do Brasil de final do século XIX e início do XX que adotaram o positivismo como forma de pensar e organizar o mundo e a República, visando o progresso (SILVA, 2014). De todo modo, como destacamos acima, Júlia não deixou de usar competentemente sua literatura para se posicionar em relação aos vários eventos e dinâmicas político-sociais de seu tempo. Júlia teve, nesse sentido, uma série de crônicas publicadas em jornais e revistas e foi autora de inúmeros livros. Suas produções, mesmo as mais críticas publicadas em crônicas de jornais, se tornaram significativas e, desse modo,

Podemos crer que sua literatura teve grande destaque nacional, já que suas obras tiveram um grande número de circulação considerando ainda o período histórico de lançamentos de suas obras, onde a população de analfabetos no Brasil era muito elevada (BATISTA, 2012).

Já no ano de 1894 o casal Almeida reformou um casarão no Bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, e lá passou a oferecer uma série de eventos culturais. O casarão ficou conhecido como “Salão Verde”. O espaço era utilizado para socialização e tinha escritores, jornalistas e intelectuais entre seus frequentadores. O Salão Verde manteve suas atividades por quase duas décadas, tornando-se marca



no imaginário social e literário dos intelectuais da época.

Em 1932, o romance *A casa verde* foi publicado pela Companhia Editora Nacional. O romance, escrito por Júlia e Filinto, teve sua “primeira versão publicada no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro no período de 18 de dezembro de 1898 a 16 de março de 1899, com pseudônimo comum de “A. Julinto” (SILVA, 2014). Para Jussara Amed (2011), o romance “dava o tom e dimensão dos abalos nas crenças destes autores e (a) representação que (eles) faziam de sua época”. *A casa verde* era, portanto, a imagem que os autores faziam do Brasil e da República que se erguia em seu terreno. Essa República, no entanto, era frágil, e “precocemente esmoreceu”. (AMED, 2011).

Ao longo de sua carreira literária, Júlia Lopes atuou, também, como conferencista, participando de eventos destinados a discussão sobre a ampliação dos direitos femininos como *Consejo Nacional de Mujeres de la Argentina*, além do Congresso Feminista, ambos em 1922 (BATISTA, 2012). Na imprensa, escreveu para grandes jornais como *O País*, *Gazeta de Campinas* e *Gazeta de Notícias*. Neste último, publicou dois importantes romances em forma de folhetins: *A Família Medeiros* e a *Viúva Simões*.

A maioria de suas obras se dirigiam ao público feminino e demonstravam sua preocupação e engajamento nas questões relativas às mulheres e as crianças, tendo colaborado com a produção de diversos livros escolares. Entretanto, é importante ressaltar que as mulheres a quem Júlia Lopes se dirigia pertenciam, sobretudo, a uma “elite branca e burguesa”, na qual ela estava inserida. De certo modo, isso se justifica devido ao fato de que boa parte da população não era letrada e, conseqüentemente, as mulheres e homens menos favorecidos não teriam os mesmos acessos aos espaços públicos de debate (mas poderiam, por exemplo, adotar outras estratégias de intervenção).

Não pretendemos com estas observações diminuir, de forma alguma, o valor da obra almeidiana, mas é preciso ter em mente que Júlia, assim como muitos outros intelectuais, não contemplou em sua trajetória literária e militante (e de certo modo nem poderia, de fato,

fazê-lo) a representação de todas as mulheres das inúmeras realidades do Brasil. De modo geral, concordamos com Leonora Lucca (1999), quando sustenta que Júlia Lopes desenvolveu um “feminismo possível”, dentro do que permitia a época, já que o movimento feminista enquanto um movimento político-social consistentemente pensado só iria aparecer mais para frente (1960-70).

Para além da contribuição literária, as obras de Júlia retratam o contexto histórico-social das mulheres brasileiras e oferece elementos que nos possibilitam compreender, em parte, os focos de atuação da autora não só naquilo que ela apresenta enquanto restrições em relação às mulheres, mas também naquilo que as mulheres apresentaram enquanto aspirações. Para Silva,

A escrita feminina ganhou corpo e forma na literatura nos últimos séculos. Mulheres escritoras têm voz própria, estilo próprio, linguagem própria, temática própria, longe de simplesmente reproduzirem modelos falocêntricos. A contrapartida é uma subjetividade feminina marcada por uma escrita mais sensorial e sensível, mais poética, lírica mesmo, uma escritura com o corpo e a alma e maior liberdade de escrita. A narrativa de Júlia Lopes de Almeida pode ser inserida no contexto histórico oitocentista. A obra dessa autora vai além do papel designado ao feminino, pois ela consegue, através de suas personagens, mostrar que as mulheres possuem aspirações que extrapolam aquelas valorizadas pelo modelo patriarcal. Ou seja, as personagens almeidianas aspiram por educação e trabalho (SILVA, 2014).

Aos poucos as mulheres foram, portanto, saindo da esfera privada e começaram a transpor as barreiras sociais. Outro ponto importante a ser considerado, nesse sentido, é que no século XIX a urbanização das cidades trouxe as mulheres, que antes viviam no lar, para as ruas, pois elas começaram a figurar no mundo do trabalho, em lojas, escritórios, escolas, e nos *footings*, por exemplo.

Como lembrou Muzart, Júlia foi uma grande figura feminina em sua época. Ao longo da vida, Júlia realizou inúmeras viagens para Europa e teve obras traduzidas para outros idiomas, como o francês.

Júlia Lopes de Almeida teve uma vida intelectual bastante ativa

para as mulheres de seu tempo: participou de várias reuniões literárias no Rio de Janeiro do século XIX, inclusive as da criação da Academia Brasileira de Letras (ABL) por volta de 1895, mas não foi incorporada como membro nem mesmo como participante de reuniões para sua criação em 1896 (SILVA, 2014).

Nos anos de 1913 e 1914 Júlia passou uma temporada morando na Europa. Retornou ao Brasil em 1918 e foi para Argentina em 1922. Voltou a morar na Europa em 1925, onde ficou por cinco anos. Para Ruffato, esse distanciamento de Júlia do Brasil em vários momentos pode ter, de alguma forma, contribuído para o gradual esquecimento da obra almeidiana.

Em 1934, ao voltar ao Brasil depois de uma viagem à África, Júlia Lopes de Almeida faleceu na cidade do Rio de Janeiro, vítima da malária, com 72 anos idade.

Apesar dos dilemas comuns – e de seus dilemas pessoais –, Júlia Lopes de Almeida pode ser pensada enquanto uma grande escritora e, nesse sentido, ocupar um lugar significativo no hall dos grandes intelectuais brasileiros. A pluralidade é uma marca de sua voz, que ecoa a voz de outras mulheres que partilhavam de um mesmo lugar social, representando um grupo. Assim, Lopes contribuiu – e contribui ainda hoje – para a desmistificação do lugar social da mulher brasileira.

Nesse sentido, como também sustenta Ruffato (2017), “Júlia é uma autora magnífica. Não é nenhum favor resgatá-la. Ela é um caso absurdo de escritora que não está no cânone literário por puro machismo”. Ainda segundo o escritor: “Ela é muito superior à grande maioria dos autores de sua época. Os únicos que se equipararam naquele momento são Aluísio Azevedo e Lima Barreto”.

Portanto, fica claro que em seu tempo Júlia Lopes foi conhecida e respeitada, sendo, inclusive, como lembramos algumas vezes, cogitada para ter uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Para alguns, Júlia não entrou por devoção ao marido, o poeta Filinto de Almeida – que, ao contrário de Júlia, não teve seu nome na lista (publicada no Estado de São, em 1896, por Lúcio de Mendonça) dos acadêmicos cotados para formarem grupo fundador da ABL, – cedendo a

ele, então, o lugar que ocuparia. Hipótese duvidosa!

Todavia, o certo é que, tal como a Academia Francesa, na ABL as mulheres ficaram de fora. Só em 1977, com Raquel de Queiroz, uma mulher se tornou acadêmica. Depois de Raquel, felizmente, algumas outras vieram, como por exemplo Diná Silveira de Queirós (1981), Lygia Fagundes Telles (1982), Nélida Piñon (1989), Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003), Rosiska Darcy de Oliveira (2013).

De qualquer modo, apesar dos visíveis avanços, as instituições literárias, em especial a ABL, tem muito em que progredir, principalmente em relação às mulheres e outras vozes literárias marginalizadas. Mais recentemente, por exemplo, quem tentou se eleger para a ABL foi a escritora mineira Conceição Evaristo. Portadora de uma escrita que marca uma voz autoral cuja personalidade é simétrica a uma experiência milenar compartilhada por afro-descendentes, Evaristo é, ao mesmo tempo, uma escritora densa e sensível. Ao escrever suas vivências (escrivências), Evaristo (2008) faz uma literatura assumidamente negra, que reverbera de forma definitiva e necessária num país marcado, de um lado, por um intenso processo de miscigenação; e, de outro, por um recalçamento de suas raízes africanas. Assim, a sensibilidade da escrita de Evaristo conforta e ao mesmo tempo expõe as feridas abertas por um processo histórico violento e cruel - mas também criador e agregador - cuja perspectiva de cicatrização depende, em muito, de uma mobilização coletiva e engajada, mediada pela ação política e por uma representação estética consistentemente pensada. No entanto, mesmo amparada pelo apoio de milhares de pessoas, numa mobilização inédita no Brasil, o voto único (dos 40 possíveis) recebido por Conceição Evaristo na eleição para cadeira nº 7, revela que os mecanismos que estruturam aquela instituição permanecem ainda demasiadamente conservadores. Se a ABL é uma instituição privada e, portanto, detém autonomia na definição dos seus procedimentos e conveniências internas, sua legitimidade só pode vir da efetividade de sua função social. Se o objetivo da ABL, conforme seu estatuto, é a “cultura da língua e da literatura nacional” (Estatutos e Regimento Interno da ABL, 1910), sua função social implica no reconhecimento da pluralidade das vozes que conformam nossa língua,

nossa literatura e nossa cultura.

### 3. Lembrança e Esquecimento

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984: XIX).

A memória, tanto do ponto de vista individual, quanto do coletivo, se caracteriza, segundo Pierre Nora (1984), como uma dialética entre lembrança e esquecimento. O papel fluído da memória potencializaria, nesse sentido, um processo ativo, dinâmico, complexo e interativo (BARROS, 2011) de construção e desconstrução de narrativas, suscetíveis tanto “a longas latências” quanto a “repentinias revitalizações”. Essa dinâmica sofreria não só de influências inconscientes, causadas pela própria ação do tempo sobre o indivíduo e sobre a sociedade e por processos psicossomáticos que intervêm nessas dinâmicas, como também por fatores externos, reflexos de atitudes deliberadas. É nesse sentido, portanto, que a memória pode estar (e quase sempre está) “vulnerável a todos os usos e manipulações”.

No caso de Júlia Lopes de Almeida seria possível insistir que vários aspectos atuaram no ocaso da escritora. Para Ruffato (2017), os modernistas, o distanciamento de Júlia em vários momentos do Brasil e, sobretudo, o machismo da sociedade brasileira fizeram com que Júlia ficasse nas notas de rodapé dos manuais de literatura. Anna Faedrich também aponta o machismo como um fator central no processo de esquecimento de Júlia, focalizando, em sua crítica, o movimento de conformação de cânones literários que, no nosso caso, sempre privilegiou homens.

Nesse sentido, a dialética entre lembrar e esquecer talvez seja um ponto de partida interessante para se pensar a obra de Júlia Lopes de Almeida. Embora bastante ativa e conhecida em sua época, como vimos, Júlia sempre foi muito pouco lembrada, tanto pelos críticos

quanto pelo público geral. Por vezes, esse esquecimento operava enquanto uma atitude deliberada, como no caso dos modernistas; em outros momentos, por total desconhecimento da obra da autora.

Para Faedrich, a ausência de mulheres nos discursos sobre literatura, sobretudo quando se trata do Romantismo, pode fazer crer que “as mulheres não eram educadas, eram todas analfabetas” (CAZES, 2017) e que, portanto, elas também não poderiam participar de forma efetiva nas dinâmicas sociais e literárias do seu tempo. Embora muito disso se imponha como verdade (já que o analfabetismo e o machismo sempre foram um drama em nosso país), lembrar de autoras como Júlia Lopes, Albertina Bertha, Narcisa Amália e Maria Firmina dos Reis, para citar algumas, implica em insistir que, para além das adversidades várias, muitas “mulheres escreviam, publicavam, faziam conferências e dialogavam com os homens” (CAZES, 2017).

Quando olhamos para Júlia Lopes e a ausência de seu nome no grupo fundador da ABL, a despeito de todas as suas contribuições em prol dessa instituição e para a literatura de modo geral; ou para Raquel de Queiroz, que em 1977 se tornou a primeira mulher acadêmica, nos perguntamos qual é a memória construída (intencionalmente ou não) por esta instituição, isto é, quais são os autores e autoras lembrados e quais são esquecidos?

A ausência de mulheres durante 80 anos na ABL pode fazer surgir, ainda hoje, a falsa ideia de que durante esse período as mulheres também “não eram educadas, eram todas analfabetas”; ou, por outro lado, que esses acessos estavam todos fechados. De novo: embora isso, em muitas vezes, se imponha como verdade, tendo em vista o caráter machista e patriarcal da nossa sociedade, as mulheres nunca deixaram de ocupar, de vários modos, através de várias estratégias, esses espaços públicos (e privados) de debates: quer seja utilizando pseudônimos masculinos ou, por outro lado, insistindo a contrapelo em sua literatura, elas sempre estiveram presentes. Mesmo quando a questão da educação e da classe social aparece como uma barreira, se nos apresenta alguém como Carolina Maria de Jesus, que a despeito das dificuldades era, acima de tudo, uma grande escritora.

Como aponta Ruffato (2017) em relação à Júlia, “não é nenhum

favor resgatá-la. Ela é um caso absurdo de escritora que não está no cânone literário por puro machismo”. Embora, sobretudo para os historiadores, interesse ouvir o que Júlia tem a dizer sobre as dinâmicas políticas e sociais e sobre as experiências das mulheres naquele período – e sua literatura, de fato, faz isso de forma notável –, Júlia era, para dizer o mínimo, uma escritora de enorme talento: Ela era “muito superior à grande maioria dos autores de sua época” (RUFFATO, 2017).

De todo modo, como insiste Nora (1984), uma memória é suscetível tanto a “longas latências”, como no caso de Júlia, como também a “repentinas revitalizações”. No caso da literatura (e, em especial, no de Júlia) essas revitalizações não ocorrem assim de forma tão repentina. Não prescindem, nesse sentido, de um processo contínuo e sistemático de reafirmação do lugar de fala de tantas mulheres como Júlia, que nos tem tanto a dizer.

Nesse sentido, nos parece louvável – mais que isso: necessária – a atuação de pesquisadores e pesquisadoras que têm buscado pensar a história da literatura de forma dinâmica, tanto reconhecendo no presente as influências do passado, quanto deixando que as questões do presente orientem nossas leituras do passado.

Num certo sentido, é possível dizer, então, que Júlia saiu das notas de rodapé dos manuais de literatura: agora ela é corpo de texto, corpo literário, um corpo que escreve. Júlia certamente faz parte desse conjunto notável de escritoras que demonstraram (e demonstram ainda hoje) que ser mulher não cabe em três letras – lar –, pois são tão gigantes quanto o universo de um livro!

Júlia Lopes de Almeida é, por estes e tantos outros motivos, uma escritora de quem não podemos nos esquecer – ou melhor, de quem precisamos nos lembrar.

GOMES, W. F.; CELI, T. Júlia Lopes de Almeida: Lembrança e Esquecimento. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 343-360, 2018.

## JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: REMEMBRANCE AND FORGETFULNESS

**ABSTRACT:** Júlia Lopes de Almeida is one of those characters whose shadow, once ubiquitous, has been fading over the years. As a writer well known and respected in her time, Júlia lived for many years in the footnotes of the literature manuals. However, today there is an effort to reexamine the Brazilian literary canon in search of unjustified authors, whose actuality knocks at our doors. It is in this sense, therefore, that we propose to reflect on the dynamics between remembering and forgetting from the work of the author.

**KEYWORDS:** Júlia Lopes; Memory; Feminisms; Literature.

### Referências bibliográficas

Obras de Júlia Lopes de Almeida citadas no texto.

- ALMEIDA, J. L. de. *A árvore*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1916.
- \_\_\_\_\_. *A casa verde*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.
- \_\_\_\_\_. *A família Medeiros*. Rio de Janeiro: Empresa Nacional de Publicidade, 1919.
- \_\_\_\_\_. *A falência*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A intrusa*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A viúva Simões*. Lisboa: António Maria Pereira Editor, 1897.
- \_\_\_\_\_. *A Herança*. Rio de Janeiro. Tipografia do Comércio, 1909.
- \_\_\_\_\_. *Ah! Os senhores feministas!* In: \_\_\_\_\_. *Eles e Elas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. p. 73-78.
- \_\_\_\_\_. *Contos infantis*. Lisboa Editora, 1886.
- \_\_\_\_\_. *Eles e elas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1910.
- \_\_\_\_\_. *Era uma vez*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos Editor, 1917 (Conto infantil).
- \_\_\_\_\_. *Livros das donas e donzelas*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1906.
- \_\_\_\_\_. *Memórias de Marta*. Sorocaba: Durski, 1889.
- \_\_\_\_\_. *O livro das noivas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1896.
- \_\_\_\_\_. *Pássaro tonto*. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Teatro*. Porto Renascença Portuguesa, 1917.
- \_\_\_\_\_. *Traços e iluminuras*. Lisboa: Tipografia Castro&Irmão, 1887.

### Bibliografia Geral

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Estatutos e regimento interno. ABL/RJ, 1910.
- AMED, Jussara Parada. *Escrita e experiência na obra de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)*. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011.



- AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Poetas do Brasil).
- BATISTA, Karen Fernanda Mourão. *Júlia Lopes de Almeida e a educação da mulher nos livros das Noivas e das Donas e Donzelas*. Monografia apresentada no curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores. São Gonçalo, 2012.
- BORGES, José D'Assunção. *Memória e história: uma discussão conceitual*. Tempos Históricos. Volume 15, 1º semestre de 2011, p. 317-343. ISSN: 1517-4689 (versão impressa), 1983-1463 (versão eletrônica).
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CAZES, Leonardo. *As escritoras brasileiras da virada dos séculos XIX e XX que foram esquecidas*. O GLOBO. Rio de Janeiro. 01/07/2017. Acesso em 28/05/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/as-escritoras-brasileiras-da-virada-dos-seculos-xix-xx-que-foram-esquecidas-21541955>.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Vol. I a VI. São Paulo: 1955.
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008.
- LUCCA, Leonora de. *O "feminismo possível" de Júlia Lopes de Almeida*. In: CORRÊA, Maria (org.). *Cadernos Pagu: Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX*. São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, 1999, p. 275-196.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*, vol. VI. São Paulo, Cultrix, 1978.
- MOREIRA, Nadilza M. de B. *Júlia Lopes de Almeida: resistência e denúncia na Belle Époque brasileira*. Revista Ártemis. ISSN: 1087-8214. Vol. 1, dez. 2004, p. 56-63.
- \_\_\_\_\_. *A crônica de Júlia Lopes de Almeida dialoga com o projeto de modernidade do Brasil republicano*. Terceira Margem, Rio de Janeiro, Número 20, janeiro/julho 2009, p. 176-188.
- MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul; EDUNISC (V. 1, 1999, 960 p., V. 2, 2004, 1184p.).
- \_\_\_\_\_. *Um romance emblemático de Júlia Lopes de Almeida: crise e queda de um sistema*. Navegações, Porto Alegre, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2014. p. 134-141.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p. 7-28.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1998.
- RIO, João do. *O momento literário*. Edição MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. Disponível em <http://fila.mec.gov.br>. Acesso em 15/04/2017.
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Todos contra Júlia! 5º Ciclo de Conferências | Cadeira 41*. ABL. Disponível em <http://www.academia.org.br/eventos/todos-contrajulia>. Acesso em 26/11/2017.
- SILVA, C. V. *A condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 A 1914*, Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Estadual do Piauí, UESPI. 2014.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO

TEIXEIRA, Ivan. *Romantismo - São Paulo na Literatura* (2004). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dyKpZt1Fk6s>. Acesso em 01/12/2017